



EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: INICIATIVAS DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO NO MUSEU OCEANOGRÁFICO UNIVALI

GANDRA, A. C.¹
SANTOS, E. C. V.²

RESUMO: O presente trabalho se produziu a partir da ação pedagógica realizada na disciplina de Estágio Supervisionado Pesquisa da Prática Pedagógica do curso de licenciatura em história, que tinha como tema de pesquisa a educação patrimonial a partir de uma perspectiva interdisciplinar no âmbito da disciplina escolar de história. Através da análise do contexto escolar de uma instituição da rede municipal de ensino na cidade de Itajaí foi possível a elaboração de um plano de ação que buscasse os objetivos da educação patrimonial através de uma perspectiva interdisciplinar discutida e apontada por autores elencados para este trabalho. No decorrer das atividades, buscou-se uma aproximação do cotidiano escolar com o museu, à medida que surgiam questões acerca da contemporaneidade e dos desafios da prática docente em um sistema educacional onde o conhecimento é concebido de forma fragmentada e a própria realidade social dos educandos se apresenta distante da prática dos docentes em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Interdisciplinaridade. Prática docente. Contemporaneidade. Museu. Educação Patrimonial.

ABSTRACT: The present work produced itself as part of the pedagogic action in the supervised internship pedagogical practice discipline of the history degree course, which had as research theme the patrimony education from the interdisciplinary perspective in the field of the history discipline at schools. Throughout the analyses of the school's context in a public education municipal institution of Itajaí city, it was possible the elaboration of an action plan that would aim the patrimony education's objectives through the interdisciplinary perspective discussed and pointed out by authors chosen for this piece of work. In the course of the activities it was sought a closure between the everyday school with the museum, in the same time there were emerging question concerning the contemporary challenge of being a teacher, in a education system where the knowledge is conceived fragmented and the social reality of the students presents distant from the teaching practice..

KEY-WORDS: Interdisciplinary. Teaching practice. Contemporaneity. Museum. Patrimony education.

¹ Acadêmico do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Desenvolveu este projeto como parte da disciplina de Estágio Supervisionado Revisão da Prática Pedagógica. andredecastrogandra@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Licenciatura em História pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Desenvolveu este projeto como parte da disciplina de Estágio Supervisionado Revisão da Prática Pedagógica. ellen@univali.br



1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo geral oportunizar aos educandos uma aproximação com o patrimônio natural e histórico cultural do Vale do Itajaí através de ações interdisciplinares, promovendo a identificação dos sujeitos com a identidade cultural do município, através da disciplina de Estágio Supervisionado Pesquisa da Prática Pedagógica, os acadêmicos do curso e licenciatura em História iniciaram as etapas do estágio que compreendiam a observação no campo de atuação, a pesquisa bibliográfica que nortearia o plano de ação e a intervenção.

A instituição alvo deste trabalho está localizada no bairro São João, uma comunidade de aspectos socioeconômicos de classe média. A comunidade teve sua formação durante a década de 1970 com a construção da instituição de ensino Escola Básica João Duarte³. A partir de projetos urbanísticos o ambiente urbano da comunidade foi se configurando ao que se percebe atualmente com a abertura de avenidas, ruas que interligariam o bairro com outras localidades do município.

A Escola Básica João Duarte é mantida pelo município de Itajaí e atende toda a comunidade circunvizinha ao prédio, ofertando os anos iniciais e finais do ensino fundamental. A comunidade que atende a instituição é em sua maioria com alto médio padrão em poder aquisitivo visto que tal pesquisa está presente no projeto pedagógico da instituição que contempla a renda média entre as famílias dos educados acima de três salários mínimos.

O bairro é constituído historicamente a partir da identidade cultural que se faz presente nas manifestações religiosas oferecidas pela paróquia da Igreja de São João, vizinho ao bairro. Por muitos anos a predominância da cultura católica se fez presente no bairro, embora com o advento da contemporaneidade, muito destas práticas culturais como a histórica festa de São João que ocorria no mês de Julho acabou por se extinguir conforme a realidade do bairro se transformaria sobre uma organização liberal, com a construção de inúmeros comércios varejistas ao longo das ruas do bairro.

³ Inicialmente um prédio de madeira adaptado, cedido para a prefeitura em 1954 na gestão do prefeito Paulo Bauer

REVISTA DE DIVULGAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO NÚCLEO DAS LICENCIATURAS



As famílias atendidas pela instituição praticam atividades econômicas distintas desde empregos assalariados ou atividades autônomas como donos de comércio.

Por se tratar de uma comunidade diversificada, é notável as diferentes realidades socioeconômicas dos educandos que atendem a instituição, visto que tais diferenças se fazem presentes nas vivências dos próprios educandos, seja no simples fato da opulência de aparatos tecnológicos ou materiais escolares de relevância comercial ou na distinção identitária explícita nas vestimentas dos educandos ou nos transportes utilizados pelas famílias na chegada dos mesmos. Vale ressaltar aqui que muitos educandos são vizinhos da escola, moram nas ruas próximas ou até mesmo em casas ao lado da instituição.

O prédio atual da instituição foi concebido a partir dos anos de 1990 com doações de terrenos realizadas por donatários que habitavam o bairro com concessões da prefeitura da cidade.

A instituição possui três pavimentos, sendo o térreo destinado às salas administrativas como o gabinete dos diretores, a sala dos professores, a secretaria e demais salas administrativas. Ainda no térreo se localiza a quadra poliesportiva construída como um anexo ao prédio original da instituição no ano de 2002, além de um refeitório composto por uma cozinha, sanitários, sala de informática e sala de vídeo.

A biblioteca da instituição está localizada no piso térreo da mesma e possui alguns títulos literários catalogados por um sistema de computador que regula as locações, são desenvolvidos projetos de incentivo à leitura durante as aulas de português e com as turmas do ensino fundamental séries iniciais.

No segundo pavimento estão as salas da orientação pedagógica, supervisão escolar e as salas de aulas dos anos finais do ensino fundamental que se dividem em quatro, sendo que no período matutino são atendidos os 8º e 9º anos enquanto no período vespertino os 6º e 7º anos. No período noturno a instituição oferece atendimento aos educandos da modalidade de educação de jovens e adultos.

No terceiro e último pavimento estão as quatro salas dos anos iniciais que também se dividem em períodos para o atendimento dos diferentes níveis da modalidade de educação.



O prédio foi adaptado para o atendimento a deficientes físicos com a instalação de um elevador nas dependências do prédio para o acesso a cadeirantes ou pessoas com locomoção comprometida.

A instituição possui ao todo 11 professores atuantes nos anos finais e 15 professores atuantes nos anos iniciais além e um corpo de dirigentes formado por diretor geral, diretor adjunto, supervisor e orientador pedagógico, administrador escolar, dois secretários, duas bibliotecárias.

Os serviços de limpeza, segurança e cozinha é realizado por empresas terceirizadas.

A concepção de educação expressa no projeto pedagógico da instituição é sócio interacionista em que o sujeito desenvolve a aprendizagem a medida que interage com o meio e com outros sujeitos através da mediação. Vale ressaltar, também, a pedagogia da autonomia de Paulo Freire citada no projeto pedagógico da instituição que leva a consideração do espaço social, cultural como fator fundamental para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que propiciem a integração do sujeito nas atividades da escola promovendo sentimentos de pertencimento, autonomia e criticidade a partir da construção de ações que possibilitem o sujeito transformar sua realidade e aprender a partir dela.

Não há menção da concepção interdisciplinar no projeto pedagógico da instituição.

2. Em busca de práticas interdisciplinares

Inicialmente procurou-se discorrer uma observação das práticas docentes da instituição escolhida para realização do estágio supervisionado, procurando pontuar ações nos docentes das outras disciplinas da instituição perspectivas interdisciplinares.

Através desta observação orientada, pode-se pensar em um plano de ação que contemplasse o foco de pesquisa bibliográfica escolhida por este projeto.

Como parte da primeira etapa da pesquisa, foram observados os docentes de história, geografia, ciências e português.



Logo na primeira aula observada, fomos apresentados para a classe na condição de acadêmicos pesquisadores do curso de história. O docente da disciplina de história da instituição explicou, para os educandos, que nossa pesquisa teria duas etapas, uma de observação e outra de intervenção e que seria realizado na escola com as turmas do 6° ano das séries finais do ensino fundamental, conseqüentemente nas turmas que estávamos observando. Inicialmente os educandos se mostraram curiosos e interessados em estarem participando de uma pesquisa acadêmica, buscando por maiores explicações sobre as etapas da pesquisa onde o o docente se prontificou em sanar algumas dúvidas, mas logo cessou o diálogo e deu início as atividades programadas para aquela aula.

As turmas observadas são agitadas, todos parecem estar dispersos em meio a conversas que superficialmente analisadas poderiam ser acerca de qualquer outro assunto distante do abordado pelo docente em sala, porém foi possível observar que a conversa paralela, na maioria das vezes, era sobre o conteúdo da aula que estava ocorrendo no momento, muitas vezes para a surpresa do docente em sala, os educandos estavam atentos na sua fala.

Os docentes iniciam as aulas com a chamada da turma para logo em seguida aplicar os conteúdos programados.

As turmas são grandes, com cerca de 35 alunos cada, o que faz necessários a autoridade do docente ser factual para a mediação, tendo que solicitar vez ou outra, a atenção e o foco de todos para as atividades propostas.

Um dos focos desta observação, também está na ação aplicada pelos docentes em sala de aula, ou seja, se tais profissionais utilizam ferramentas, instrumentos e ou ministram suas aulas sob uma perspectiva interdisciplinar.

É possível afirmar que todos os docentes observados, buscam com a interação grupal, a realização de atividades durante as aulas, ou seja, os educandos são estimulados a pensarem juntos, a interagirem sobre os conceitos estudados, a trocarem experiências a estimularem o conhecimento através da interação social e do intercâmbio cultural. São utilizadas várias técnicas para que o sucesso dos trabalhos em grupos com os educandos, seja alcançado. Estas técnicas integradoras estimulam o



aprendizado de maneira interacionista possibilitando a aquisição dos conceitos pertinentes aos planos de aula de maneira integral, social, próxima as realidades e experiências vivenciais de cada educando, tornando as aulas dinâmicas e fluídas.

A interdisciplinaridade se faz presente na maioria dos casos implicitamente, ou seja, não necessariamente exposta e intencional, mas de fato, em alguns casos há uma intencionalidade. Esta intenção é passiva de constatação nas atividades propostas em algumas disciplinas, principalmente nas aulas de história e geografia, onde muitas vezes os próprios educandos estabelecem as relações das diferentes ciências com frases como “Lembramos deste conceito estudado em geografia professor” em respostas dadas as indagações do docente. Porém houve momentos de explicitação da interdisciplinaridade, quando ambos os docentes de história e geografia falaram que tal conceito estudado já havia sido visto em outra disciplina, no caso de história, doravante ao assunto pré-história, fez-se notar as artes rupestres que simultaneamente estavam sendo estudadas na disciplina de artes. Em Geografia foi possível o diálogo com matemática, quando o docente trazia conceitos sobre o sistema solar, revelando a distância entre os planetas e as convenções matemáticas para aferir tais distancias no universo.

Estas práticas podem parecer singelas, porém fazem a diferença na construção de uma percepção global de conhecimento, nato dos indivíduos humanos, provando conforme Fazenda (2002, p. 180), que muitas vezes a interdisciplinaridade está na mudança de pensamento e que esta mudança acontece quando o docente se apropria do conceito de interdisciplinaridade e aplica-o em suas práticas promovendo uma relação entre as áreas do saber sem que isto aconteça de maneira forçada, resultando em uma aprendizagem significativa para os educandos, que a partir do que está sendo obtido, podem ser estimulados a alcançar o principal objetivo da educação, que é promover nos sujeitos habilidades e competências para a produção de novos conhecimento e não simplesmente repetir o que já se produziu historicamente.

Uma aula interdisciplinar proporciona novas relações entre o educando e o conteúdo, entre o docente e os educandos, a ação desta perspectiva busca promover relações entre as ciências do conhecimento humano, que o educando, percebe pelo



simples fato de estar sendo condicionado a estabelecer tais relações, a partir disso é possível perceber que há um interesse que se desperta em sala de aula, embora tenham disciplinas de diferentes perfis. Manter um diálogo com a produção de conhecimento em uma ótica interdisciplinar é natural e próximo a realidade de sujeitos na sociedade.

Cândido (2009, p. 3), argumenta que a interdisciplinaridade pode ser obtida através de um método de pesquisa, ação e de formação profissional, possuindo forte papel em referência entre o educando e o conhecimento com os diferentes campos que articulam os educadores. Porém a interdisciplinaridade ainda não é vista desta forma, ela é tida como “crítica da especialização e recusa de uma ordem institucional dividida” (PÒRTELLA in CHAGAS, 1994, p 47 apud Cândido 2009, p. 4).

Nesta observação, é passível de crítica a inexistência de ações interdisciplinares nas aulas de português e ciências, não é realizada nenhuma mediação que relacione os saberes de maneira integral e global, o conteúdo se apresenta de forma desconexa, fragmentada, segregada e está concernente aos comentários, diálogos e interferências da área respectiva do conhecimento ao qual pertencem. Durante o intervalo das aulas foi conversado com os docentes de história e geografia sobre o conceito de interdisciplinaridade e como que eles encaravam a realidade multidisciplinar do currículo escolar frente a ação interdisciplinar adotada por ambos.

Foi discutido a dificuldade de se estabelecer um diálogo complacente com os docentes de outras disciplinas para a busca de metodologias, práticas cotidianas com uma perspectiva interdisciplinar dos conhecimentos elencados pelo currículo escolar, para os docentes um conhecimento não se constrói separadamente de outro, ou seja, como afirmou o docente de história, “Não posso dar uma aula de pré-história e não dialogar com a arte, com a geografia ou com a ciências e trazer estas discussões para a sala de aula.”

Um outro aspecto observado nas aulas é a interação entre educandos e docentes, seja na mais singela leitura textual ou com indagações relevantes a disciplina, os docentes da instituição têm uma postura calma, em geral, e procuram não se exaltar em sala, apesar de um momento na aula de ciências ao qual o docente



obteve dificuldades em manter o silêncio necessário para a leitura textual. Mas na maior parte do tempo observado, ambos docentes e educandos se conhecem há algum tempo, portanto, o perfil de cada educando é claro para os docentes. Em outras conversas pode-se atestar em nomes quem presta atenção e quem não tem dificuldades de aprendizagem. O docente de história traz uma fala de Nóvoa (2001), “à experiência por si só não é formadora” e que no seu entendimento percebe que precisa estar sempre pesquisando formas diferenciadas para trabalhar com seus educandos, por isso o enfoque interdisciplinar em sua prática é visível, sempre buscando algo que facilite a aprendizagem dos educandos em suas aulas.

É nítida a dedicação dos docentes de história e geografia em procurar desenvolver ações conjuntas, buscando trabalhar interdisciplinarmente, quebrando as rotinas tradicionais de sala de aula, estabelecendo relações, compartilhamento entre os conceitos de cada disciplina.

Pode-se dizer que o sucesso dessas aulas está na conjunção da mediação dos conteúdos atrelados a uma proposta de relação que aproxima docentes e educandos com adaptações na linguagem dos docentes, na aproximação física, no olhar atento, o que propicia aos educandos uma educação emancipadora, que os formem cidadãos conscientes, críticos quanto ao exercício da cidadania, procurando significar e ampliar os conceitos estudados naquelas disciplinas na perspectiva interdisciplinar, segundo Freire (1998, p. 41):

Pensar, por exemplo, que o pensar certo a ser ensinado concomitantemente com o ensino dos conteúdos não é um pensar formalmente anterior ao e desgarrado do fazer certo. Neste sentido é que ensinar a pensar certo não é uma experiência em que ele – o pensar certo – é tomado em si mesmo e dele se fala ou uma prática que puramente se descreve, mas algo que se faz e que se vive enquanto dele se fala com a força do testemunho.

A observação proporcionou uma direção para a realização da intervenção do estágio supervisionado, de maneira que as atividades a serem realizadas se desenrolassem ao mesmo tempo que provocassem reflexões acerca de alguns questionamentos levantados durante a pesquisa bibliográfica, e haveriam de ser aprofundadas no decorrer das etapas do projeto em si: É preciso muito esforço para uma mediação interdisciplinar, ou a interdisciplinaridade, como formação do indivíduo,



está inata nas intervenções de um educador? Para esta discussão ainda deve ser incluído a questão do museu, como espaço de formação, tão importante para preservação do patrimônio cultural de qualquer sociedade, de maneira que ele pode ser um grande espaço que permita uma ação interdisciplinar trazendo uma proposta metodológica diferente do “estudar história” para os educandos, indivíduos desta observação?

Em síntese foi possível a elaboração de uma questão problema que norteia as práticas deste trabalho: De que forma a educação, numa perspectiva interdisciplinar, pode contribuir para a promoção de uma conscientização global de preservação patrimonial na medida em que agencia uma identificação dos alunos com a identidade cultural do Vale do Itajaí?

3. Como pensar a educação patrimonial na perspectiva interdisciplinar?

Quando o ser humano convencionou que a ciência é obtida através de um pensamento fragmentado, dividido em áreas que raramente dialogam entre si?

É de percepção de todos, que a configuração multidisciplinar do sistema de ensino à nível mundial, tem sua concepção histórica a partir do século XVII com a filosofia cartesiana, em Trindade (2008, p. 76) a verdade absoluta se constrói a partir da filosofia iniciada com René Descartes (1596 – 1650) que dividiu a “existência em dois mundos – o da matéria e o da mente – onde a matéria deveria ser tratada como algo desprovido de vida”, ou seja, o conhecimento então se desenvolveria através do raciocínio analítico que pode verificar a verdade por trás do conhecimento através da análise metódica por meio de experiências.

Esta maneira de encarar o mundo promove, nas palavras do autor, uma “cisão” no modo de pensar do ser humano até então, em que outrora se promovia através de uma relação global do ser humano com o universo e após Descartes, se torna fragmentado em áreas do conhecimento, ou seja, em um ensino disciplinar, compartimentado e desconsidera qualquer outra crença que não produz uma verdade imutável ou insólita.



Esta divisão do ensino, ou da ciência, não é de um malefício perpétuo, pois a partir desta fragmentação foi possível, como aponta Trindade (2008, p. 77), o desenvolvimento da ciência como um todo, porém deixou de compreender que muito do conhecimento desenvolvido através dos séculos, não é de uma verdade única, nem tampouco se apresenta de forma dividida sem que haja interação com outros saberes. O que se convencionou, portanto, foi que seria possível compreender a ciência através de sua fragmentação, persistente até os dias atuais:

Parte da problemática da atualidade decorre da visão de mundo cartesiana, do sistema de valores que lhe está subjacente, de correntes psicológicas que muito influenciaram e que continuam influenciando a educação. (MORAES 2002, p. 121, apud TRINDADE, 2008, p. 77).

Desde o século XVII, então, o conhecimento adquire um caráter unitário e passa a sofrer uma depreciação sem precedentes, culminando em um sistema de ensino que disciplinou o conhecimento científico em áreas distintas e, por conseguinte criou um ser humano que não consegue estabelecer relações entre os conhecimentos que obtém enquanto discente, seja no ensino fundamental básico ou no ensino superior.

Partindo para uma mudança, surge na década de 1960 as primeiras definições do que seria a perspectiva interdisciplinar de educação, com expoentes como Ivani Fazenda, que dedicou sua obra intelectual para a construção de uma nova percepção de educação que retoma o conhecimento humano da maneira como o próprio ser humano costumava fazer na antiguidade: universalmente, globalizado, integral ou interdisciplinar.

Procurar definir a palavra é erroneamente comum entre a maioria dos profissionais de educação que não compreendem a dimensão atitudinal que o conceito traz para ser discutido, ainda em Trindade (2008, p. 73) definir 'interdisciplinaridade' é o mesmo que "estabelecer barreiras" se distanciando da reflexão sobre as "atitudes que se constituem como interdisciplinares" acordando com Fazenda (2000, p. 7)

Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentes expressos, colocando-os em questão. Exige, portanto, na prática uma profunda imersão no trabalho cotidiano.



Portanto, não se pode pensar em uma prática interdisciplinar sem compreender que acima de tudo deve haver uma mudança atitudinal, ou seja, na maneira como o docente se relaciona com o conhecimento no cotidiano e principalmente na forma como se encara o convívio com os que compõem a equipe de uma instituição de ensino ou pesquisa, desde colegas de profissão até o alvo da profissão docente: os educandos.

Para se efetivar uma nova perspectiva de ensino no âmbito interdisciplinar é necessário que se crie relações entre os atores educacionais com humildade, desarraigando a velha competição escolar, do quem sabe mais ou do próprio ímpeto em dizer que se conhece tudo, como se o próprio conhecimento fosse absoluto:

Não existe nada suficientemente conhecido. Todo o contato com o objeto a conhecer envolve uma readmiração e uma transformação da realidade. Se o conhecimento fosse absoluto, a educação poderia constituir-se em uma mera transmissão e memorização de conteúdos, mas como é dinâmico, há necessidade da crítica, do diálogo, da comunicação da interdisciplinaridade. (FAZENDA, 2003, p. 41, apud TRINDADE 2008, p. 81)

No mundo contemporâneo, onde as tecnologias e a própria ciência moderna constroem uma identidade global para os indivíduos a nível mundial, não se pode negar a resignificação da função social da escola, pois a escola se tornou palco para toda a diversidade cultural que constitui a sociedade contemporânea, resultando de relações entre as diferentes identidades culturais, que pela expressividade de seus ideais, buscam por liberdades e não conseguem mais se formatarem de maneira fragmentada ou dividida. Identidades que não compreendem mais a própria existência como uma peça de um quebra cabeças que não se encaixa, mas sim, como uma peça que consegue, aos pares com outras peças, formar uma nova realidade que interage com tantas outras dispersas em um mundo cada vez mais veloz, dinâmico, ou seja em movimento.

No Brasil o movimento de desenvolvimento escolar acontece confluindo com os discursos temporais que contextualizam a realidade da formação da educação básica brasileira. Em diferentes momentos da história do Brasil, a escola passa por modificações que, muitas vezes, excluíram grupos sociais, limitaram o acesso a um ensino emancipador, repartiram, fragmentaram o ensino sob uma ótica mercadológica



de formação de mão de obra, necessária para um contexto histórico, porém que há muito já fora superado pela sociedade contemporânea:

[...] por ser uma escola feita para as massas, nasceu não para se dedicar aos grandes temas da humanidade, mas para oferecer uma formação instrumental, voltada para o mercado, portanto trata-se de uma escola que não está voltada para o desenvolvimento humano, mas para o desenvolvimento da indústria. (MOSE, 2013, p. 49)

Esta lógica fabril adquirida pelas escolas brasileiras no final dos anos 1960, serviu a uma lógica de governo militar, que procurou a formação de mão de obra para a indústria, onde para o formado dessa instituição, não se fazia necessário uma compreensão globalizada dos saberes científicos, ou seja, a totalidade do conhecimento ou pelo menos, a busca dessa relação entre o que se aprendia, não era o objetivo desta instituição.

Em Mosé (2013, p. 52):

A fragmentação do pensamento e do saber é o modo mais eficiente de controle social, quer dizer, da submissão de pessoas a um modelo excludente de sociedade. Sem a capacidade de relacionar a experiência particular com o todo da vida em a capacidade de articular o todo da vida com um projeto social mais amplo, sem a capacidade de relacionar esse projeto social com o planeta e a vida, jovens e crianças terminam submetidos a processos e engrenagens que os tornam tão pequenos e insignificantes que não se sentem potentes para transformar aquilo que os oprime.

Cria-se uma escola que não se insere na realidade que a circunda, muito menos, promove relação com os que a frequentam, para o contexto histórico dos governos militares brasileiros, esta instituição cumpria o seu papel em formar cidadão passivos, disciplinados, aptos para o exercício de atividades que não exigia pensamento criativo, amplo e exponencial.

O problema está na continuidade daquela realidade, após a abertura democrática, após a revolução intelectual que não somente ocorreu a nível nacional, mas a nível mundial, que colocou de fato em cheque as verdades absolutas, que questionou a ciência fragmentada, disciplinar, que fez do conhecimento algo muito mais alcançável do que distante, portanto, onde está a escola que emancipa, que compreende que o conhecimento não pode mais se mostrar em caixas, separadas, organizadas por nome, idade, séries:



Um dos grandes ganhos da contemporaneidade foi uma revolução no modo como julgamos as coisas. Se antes o parâmetro era a verdade, hoje a regra é saber lidar com a instabilidade, com as incertezas [...] ninguém sabe mais o que é certo, bom, amigo, masculino, feminino, criança, futuro, corpo, presente, saúde etc. Tudo é sempre provisório, as interpretações multiplicam-se, como camadas [...] vivemos uma mudança de meios, uma enxurrada de informações, o mundo vive um processo de instabilidade e incerteza econômica, social, climática, e o modelo educacional vigente nas escolas públicas e privadas, fundando em verdades, em saberes acumulados, sem espaço para a invenção e para a dúvida, não foi preparado para isso. (MOSE 2013, p. 53)

Pensar esta nova realidade social da contemporaneidade e buscar novos caminhos para se repensar no modelo de escola que esta sociedade demanda, é compreender que se deve promover uma mudança atitudinal, uma quebra de paradigmas sem precedentes, que pode iniciar no chão de uma sala de aula com o docente que se põe a frente de seus educandos. Para este docente, se faz o desafio de um olhar diferenciado para a realidade ao qual se submete a encarar, onde há o choque cultural, onde se põe em cheque o tradicionalismo de práticas seculares de ensino, não cabe mais para o século XXI a formatação destes alunos em caixinhas separadas, embaladas para uma necessidade mercadológica, até porque o próprio mercado requer uma nova consciência coletiva, integradora, criativa que se fazem presentes em uma perspectiva de ensino interdisciplinar.

Conforme Mosé (2013, p. 52):

Essa falta de conexão da escola, tanto com a sociedade quanto consigo mesma, não é apenas prejudicial para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, que se dá pela capacidade de fazer relações cada vez mais amplas e complexas, mas prejudica também as relações humanas, a prática da justiça social, o exercício da cidadania, implica diretamente o aumento do grau de angústia e solidão e impulsiona cada vez mais ao consumo de produtos, de pessoas, de drogas lícitas e ilícitas. Participar da sociedade, interferir em suas instâncias, construí-la, nos dá uma sensação de pertencimento que nos fortalece e fortalece os acordos. Mas a escola foi se afastando dessa continuidade e se baseando em um conhecimento dividido e abstrato.

Para buscar uma mudança efetiva desta realidade e reaproximar o humano do conhecimento amplo, socializável, criativo, Trindade (2008, p. 82) busca a solução na interdisciplinaridade, afirmando que:

A prática interdisciplinar pressupõe uma desconstrução, uma ruptura com o tradicional e com o cotidiano tarefairo escolar. O professor interdisciplinar percorre as regiões fronteiriças flexíveis onde o 'eu' convive com o 'outro' sem abrir mão de suas características, possibilitando a interdependência, o compartilhamento, o encontro, o diálogo e as transformações. Esse é o



movimento da interdisciplinaridade caracterizada por atitudes ante o conhecimento.

Um dos maiores desafios para os docentes da atualidade está em encararem o desafio em promover uma educação interdisciplinar em sala de aula, para Leite e Lima (2011, p. 408) ao que concerne o ensino interdisciplinar na disciplina de história está o fato de o docente assumir uma posição de que o conhecimento adquirido na área específica de sua atuação, por exemplo, pode se relacionar com outras áreas do conhecimento sem que o profissional da área crie para si mesmo uma barreira epistemológica na dificuldade de assumir que o conhecimento pode ser adquirido com a interação entre outras áreas atuantes na mesma escola. Esse paradigma, conforme estudo dos autores, se reconecta com a crítica à história, a medida que novas teorias historiográficas surgiram como o pensamento da escola dos *Annales* ou a História Nova:

Pensar a necessidade do ensino de história e a interdisciplinaridade é também atentar não somente para as outras disciplinas, mas executar esta prática no interior da própria história. Conforme Burke (1991, p.117), os “*Annales* nunca se confinaram as fronteiras da história. Um movimento que se fundamentou em tantas das “ciências dos homens” atraiu naturalmente o interesse dessas disciplinas”. Percebe-se que a interdisciplinaridade nos *Annales* é uma característica marcante, importante para se pensar a constituição interdisciplinar da história. O grande exemplo desta prática é a aproximação de Bloch para com estudos relacionando história e sociologia, e Febvre e Braudel recorrendo aos estudos entre história e geografia. (LEITE, LIMA, 2011 p. 407)

Esta nova perspectiva que retoma a cooperação, a coletividade de saberes para a produção de um novo saber é uma realidade de nível mundial:

Vários grupos de pesquisa no mundo todo vêm discutindo e anunciando a superação das limitações impostas pelo conhecimento fragmentado e compartimentado, proveniente inclusive das especializações; por meio da interdisciplinaridade, cuja proposição permite reconhecer não só o diálogo entre as disciplinas, mas também, e sobretudo, a conscientização sobre o sentido da presença do homem no mundo. (TRINDADE, 2008, p. 81)

Especializar-se em uma área do conhecimento não pode significar que todo o saber adquirido através de anos de estudos esteja sozinho, desconexo de um saber aglutinador, integral e, portanto, mais amplo do que se dedicou inicialmente. Na verdade ante a mudança de atitude promovida pela interdisciplinaridade, o docente de história que busca recontar a história sobre um viés historiográfico iniciado pela escola dos *Annales* (a academia francesa) consegue, então, estabelecer diálogos e relações



com outras áreas do conhecimento humano, mesmo estando estagnado em sua própria formação. Afinal ser expert em um assunto, não é saber tudo sobre este assunto, mas sim conseguir construir algo novo a partir de uma colaboração que buscou engrandecer, compreender e buscar respostas de maneira ampla e “*inter*”, para o questionamento que se prontificou solucionar.

A ‘disciplina’ história, como se convencionou dizer, é concebida a partir do século XX como uma ciência interdisciplinar, portanto negar-se a esta crítica, é retroceder a uma compreensão desconexa do conhecimento desenvolvido na área e principalmente, desconectar o próprio personagem histórico de seu contexto:

Conforme Burke (1992, p.7) a história se ampliou para diversos campos em seu interior, com isso as especializações aumentaram no interior desta área de conhecimento, causando assim uma fragmentação do saber, e isto tem se tornado mais um desafio para o ensino de história tanto no ambiente acadêmico quanto no contexto escolar. A chamada “Nova História” tem promovido uma abertura ampla nos campos de estudo da história, que muitos historiadores têm se buscado uma especialização brusca sobre um único objeto, perdendo assim a visão ampla da história. Para o autor, “[...] o preço de tal expansão é uma espécie de crise de identidade” (BURKE, 1992, p. 8). Deste modo compreende-se que esta fragmentação só será amenizada mediante a possibilidade de uma boa prática interdisciplinar. (LEITE, LIMA, 2011 pp. 408 - 409)

O professor de história deve então, por coerência teórica, se esta é a que o norteia, compreender que o ensino de sua ‘disciplina’ deve acontecer interdisciplinarmente. Apenas se promove uma reflexão crítica de um contexto histórico analisado, buscando a própria contextualização dos fatos, embora redundante, o que se ensina em história deve estar ligado as transformações que ocorriam na época nas diferentes facetas da vida humana, ou seja, a história por concepção se faz interdisciplinar ao conversar com o espaço geográfico, com a cultura em geral, com a política, com a economia, com a arqueologia, com a paleontologia, enfim com as demais áreas de conhecimento.

Isto não significa que o professor de história deva pontuar em sala de aula, o que se está utilizando de conhecimento de outras disciplinas, nem que ele deva perder o foco da reflexão que sua disciplina se propõe em seu objetivo geral, na verdade aí entra a compreensão do que é a atitude interdisciplinar, que está distante de forçar uma situação pontual ou inacabada, mas sim em promover uma reflexão de que para chegar



à aquela compreensão foi necessário um percurso maior do que o que está proporcionado pela disciplina de história:

O professor atual deve estar consciente da sua área de formação, compreendendo que pertence a um campo do saber e não a outro. Ciente disso e estando capacitado para executar diálogos com outras áreas do saber, completa-se assim o exercício da prática interdisciplinar na sala de aula. Caso o professor não se encontre apto para a exercer a interdisciplinaridade na sala de aula, acontece o que Burke afirmou acontecer a história, os professores podem se perder nesta prática e com isso comprometer a sua identidade enquanto professor de determinada disciplina. Este despreparo para a prática interdisciplinar é visível quando 'alguns alunos' indaguem o professor de história, perguntado o porquê se está estudando elementos de geografia na aula de história e vice-versa. Os alunos também devem estar cientes das possibilidades de práticas interdisciplinares na sala de aula. (LEITE, LIMA, 2011 p. 408)

Frente a diversidade cultural brasileira que se traduz em uma diversidade de: costumes, linguagem, paisagens, artesanato, música, alimentação, construções, expressões artísticas e religiosas, riquezas produzidas pela história antrópica constituinte em uma identidade cultural que se inicia no passando das sociedades brasileiras e é herdada no presente, é de extrema importância estabelecer relações entre a disciplina história, a arte, a geografia, a biologia que esmiúça toda essa diversidade com conhecimentos que circulam do passado para o presente e promove um entendimento de que, tudo o que existe hoje já foi produzido por alguém e veio sendo aperfeiçoado durante o tempo, a fim de propiciar uma possível mudança no pensamento dos sujeitos, para que haja uma identificação com suas identidades culturais, ou seja, promovendo a cidadania, se pensou então, na educação patrimonial.

A educação patrimonial no Brasil enquanto metodologia, passa a ser aplicada em experiência educativa museológica no ano de 1983, Paulo Freire teve um papel importante para esse processo, quando, desenvolveu a educação popular, fazendo com que se refletisse a responsabilidade social e política do educador. A educação popular resgata a partir do cotidiano o reconhecimento do saber popular, mostra a importância do patrimônio material e imaterial e utiliza o saber da comunidade. O objetivo da concepção Freiriana é sensibilizar por meio do desempenho educativo a importância da preservação do patrimônio.



Educação patrimonial tem como base o patrimônio cultural, muitas escolas, museus e espaços culturais, estão procurando resgatar a cultura de sua cidade promovendo ações educativas, com a concepção de conscientizar a população e guardar para gerações futuras a oportunidade de conhecer o patrimônio brasileiro que faz parte da história de construção da nação e das identidades locais.

Esta educação, que valoriza o patrimônio, é por si só interdisciplinar à medida que se constitui a definição do que é patrimônio cultural, definido em 1937 pelo artigo nº 25 que definia o termo Patrimônio Histórico e Artístico contemplando apenas uma parcela do que compreende o patrimônio cultural de uma nação. Em 1988 com o decreto de lei nº 26 definiu que o patrimônio cultural brasileiro passaria a ser então, todos os bens materiais e imateriais que englobam as manifestações culturais, sejam de ordem regional ou nacional, produzido ou ambientado no convívio das sociedades brasileiras e assim podem envolver: bens imóveis como construções históricas ou edificações que resumem a cultura indenitária de uma sociedade, paisagens artificiais produzidas pelo ser humano no processo de inserção do mesmo com o meio natural e paisagens naturais como espaços que ainda não foram humanizados mas que compreendem a fauna e flora que circunda o espaço geográfico habitado por uma população.

Portanto investir em políticas públicas que promovam o reconhecimento pelo sujeito sobre suas origens, criando um vínculo entre o ser humano e o espaço ao qual este habita, buscando valorizar este patrimônio cultural através da formação de elos afetivos, é também possibilitar que cada um se sinta ator participante desta história. Pois cada geração produz uma herança material ou imaterial que contribui na construção histórica de uma identidade sociocultural, ou seja, “as populações são agentes tanto da preservação, como da construção de seu patrimônio” (CAMACHO, 1991, p. 28).

No ano de 1937, foi criado o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), cuja tarefa é proteger e valorizar o patrimônio cultural brasileiro. Para que a Educação Patrimonial tenha ampla importância e os cidadãos consigam estabelecer relações com a cultura da comunidade em que vivem é importante que os sujeitos



interajam com o patrimônio cultural de sua cidade, e uma maneira de possibilitar esta interação é a pesquisa em campo, onde se tem contato direto com o patrimônio, não apenas restrito a museus ou ao trabalho realizado em instituições de ensino, mas também na paisagem urbana, e na paisagem natural do cotidiano onde o sujeito está inserido, segundo (Souza, 2012, p. 5) “[...] levar os alunos aos centros históricos é sensibilizá-los para a importância da preservação do patrimônio, entendendo que nele tem história.”

O Brasil possui uma vasta riqueza cultural entre produções humanas e belezas naturais, e é dever dos brasileiros protegerem esta riqueza compreendendo a complexidade e a interação destes ambientes e a própria diversidade destes patrimônios. Santa Catarina é um dos estados onde esta diversidade se faz presente, muitas cidades deste estado possuem seus centros históricos tombados, como por exemplo as cidades de São Francisco do Sul e Laguna, além de patrimônios naturais protegidos por órgãos como a FAMAI (Fundação do Meio Ambiente). Essas ações de tombamento e preservação ajudam aos cidadãos a compreender o valor inestimável dos monumentos e obter mais valorização da diversidade regional e os riscos da homogeneização e da perda da identidade cultural. É válido ressaltar que em todo o Brasil são feitas ações de educação patrimonial, porém citaremos apenas as ações feitas em algumas cidades que já tivemos a oportunidade de participar.

A cidade de Itajaí possui três sambaquis cadastrados e a preservação dos mesmos é de responsabilidade do Museu Etno Arqueológico de Itajaí, que está localizado na antiga estação de trem, Ferrovia Engenheiro Vereza, que pertencia a estrada de ferro Santa Catarina. O prédio foi construído em 1926 possuindo uma arquitetura germânica, e ficou ativo como estação até 1971, o museu possui um anexo onde está um laboratório de arqueologia. Lá são proporcionadas ações educativas, além de possuir um outro ambiente que oportuniza manifestações culturais da comunidade, ações como estas costumavam ocorrer devido a uma parceria estabelecida entre a secretaria de educação do município e o museu. Eram disponibilizados profissionais da educação que desenvolviam ações e projetos educativos promovendo idas periódicas das escolas ao museu. Estas ações sofreram o



impacto das relações políticas de nível organizacional, culminando na extinção de programas do âmbito da Educação Patrimonial no município.

No município de Balneário de Piçarras no campus da UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí) está localizado o Museu Oceanográfico UNIVALI (MOVI), embora a coleção do museu já exista desde 1987, o acervo era disponibilizado somente para pesquisadores. Há cerca de um ano, idealizou-se uma exposição com acesso para o público. O MOVI possui uma das mais importantes coleções de história natural do Brasil e o maior da América Latina com temática oceanográfica. Desde que foi aberto são desenvolvidas ações educativas na área da educação patrimonial e da educação ambiental com grupos escolares que tem por objetivo a conscientização a partir da valorização da fauna e flora do litoral brasileiro e sua interação com o ser humano. Através de mediações culturais busca-se incentivar a preservação ambiental de espécies marinhas além de proporcionar a compreensão de que existe uma relação direta entre paisagem natural e paisagem humanizada, procurando dialogar entre as áreas do conhecimento como a história, a geografia, a biologia a arqueologia, a paleontologia e etc.

Através de ações realizadas nas dependências do Museu, docentes e educandos recebem formações e se tornam divulgadores autônomos, com discursos que promovem o turismo ecológico na região estabelecendo um elo entre as sociedades vizinhas ao museu com o oceano em sua formação histórica cultura.

O MOVI se apresenta como uma ferramenta interdisciplinar tratando de montar uma história que remonta a formação do planeta terra, as primeiras formas de vida, a história do mergulho de seres humanos e o impacto desta intervenção antrópica no mundo natural. A exposição foi elaborada em ordem filogenética, de maneira que as mediações no museu acontecem em ordem evolucionista remontando o desenvolvimento dos animais e interagindo com as disciplinas escolares de história, ciências, geografia, artes, além de áreas acadêmicas como a oceanografia, química, antropologia, arqueologia e etc.

É um espaço onde se propicia ações interdisciplinares de educação patrimonial de maneira dinâmica, diversificada conforme Cândido (2009, p. 2): “os museus são



instituições que preservam referências patrimoniais e, por meio delas, propõem reflexões amplas sobre o homem, seu meio ambiente e suas atividades, por isso se vinculam necessariamente ao conhecimento interdisciplinar”.

Na prática o Museu Oceanográfico busca a conscientização, em suas mediações, sobre a interferência do homem na natureza salientando que muito antes do homem surgir já haviam animais aqui, e que algumas destas espécies de animais desenvolveram uma complexa rede de comunicação, além de uma estreita relação com a natureza.

O museu é um dos ambientes para resgatar memórias e vidas de um passado, como afirma Tamanini (2013, p. 14), “a essência presente no trabalho do museu é a vida, sobretudo investiga-se, por intermédio do patrimônio, a vida dos seres vivos, portanto museu é lugar de vida, e não de morte”. Embora o contexto histórico que inicia a formação dos museus, muito se difere da ideia de vida transmitida pela autora, nos famosos gabinetes de curiosidades do século XVII, o museu passou por ressignificações ao longo dos séculos onde seu propósito inicial foi repensado, reformulado até se conectar com a ideia da formação dos Estados Nacionais no início do século XIX.

Para este propósito, se pensou o museu como um local onde se institucionalizaria o fator aglutinante da cultura de uma sociedade, remontando sua história e criando para o grupo uma identidade nacional a medida em que efervesciam estes discursos no âmbito da formação das sociedades liberais.

Na contemporaneidade, o museu parece ter perdido a sua significação inicial, oriunda do século XIX, por isso em pleno século XXI, diante de novas tecnologias, da velocidade e da fluidez de informações que nos são bombardeadas por intermédio da internet e das mídias em geral, principalmente voltadas para o consumo, não se faz necessário uma estrutura que construa uma identidade cultural nacional ante à própria crise das identidades nacionais discutidas por sociólogos e pensadores do século XXI como Bauman (2001).

Ao escrever sua metáfora relacionando a sociedade pós moderna com o estado líquido da matéria, levanta questões quanto a confirmação de uma identidade nacional



que se ‘solidifica’ através de diferentes formas na identificação cultural entre as sociedades como a religião, a língua, as etnias e etc, ou seja, a sociedade mundial à medida que se globaliza e por intermédio das novas tecnologias que encurtam a distância, criam relações atemporais entre os sujeitos, colocando em cheque a relevância de lugares como o museu, portanto é necessário que se repense o museu em sua significação para o espaço ao qual está situado, em Machado (2013, p. 105):

Dessa forma, as reflexões que ora seguem partem de algumas indagações a respeito do quanto os objetos musealizados e as instituições que os sacralizam podem ser pontos de ancoragens nos percursos discursivos, especialmente em tempos pós modernizantes como o que vivemos, nos quais categorias como forma, tempo, espaço, instituição e linguagem, não são referências absolutas e estáveis, e como tal, não conformam nem instituem fronteiras e identidades, são, antes de tudo, repertórios que subsidiam formas de ser/estar no mundo, possibilitando a construção de percursos narrativos que entre uma ancoragem e outra, configuram os sujeitos na contemporaneidade. (MACHADO, 2013, p. 105)

Através do que pensa Foucault (2005, p. 244) em relação a “verdades” produzidas através de uma história que se produz na dissociação da unidade e da universalidade do sujeito, buscando em acontecimentos ínfimos, factuais e desconexos, promover a valorização de determinantes que buscam implementar no presente a desapropriação do que condiciona o sujeito na sociedade, é necessário buscar a crítica ao que se produziu historicamente nas intencionalidades de seus contextos. Por isso Machado (2013, p. 106) reflete o pensamento foucaultiano em um novo propósito ao museu, afirmando que estes espaços não mais pensam, propõem ou constroem identidades, mas sim promovem e exaltam o que outrora foi e constituiu o espaço que o sujeito está inserido, de maneira que este possa perceber a importância da diferença, uma vez que ele constitui essa diferença e por constituí-la torna-se parte dela, cria vínculos com a história ou, no nosso caso, o patrimônio cultural da sua cidade, em suas palavras o museu passa a ser, portanto, “[...] espaços que condensam no presente, vestígios de uma presença humana diversa da que o circunda.”

Por isso é necessária esta reaproximação do sujeito com o patrimônio cultural de sua região, ao qual se solidifica nos diferentes objetos musealizados, e que compõem a produção dos grupos sociais que integram uma sociedade além de promover a sua preservação e valorização.



É nesta reflexão que se pensa a educação patrimonial para as instituições de ensino, e são neste locais, como museus ou espaços musealizados, que o contato direto do sujeito com o patrimônio acontece como pensa Paulo Freire ao longo dos processos educacionais desenvolvidos em seus estudos, promovendo a observação de que é possível criar uma rede de interpretação de recursos educativos e múltiplas possibilidades de utilização do museu como espaço de educação e produção de conhecimento, a partir do que está exposto em cada museu ou até mesmo da arquitetura da edificação musealizada.

A educação patrimonial tenta resgatar as relações sociais e econômicas que deram origem aos lugares e aos pequenos grupos sociais que formam a totalidade de uma região, esta ação só é completa na perspectiva interdisciplinar, desconstruindo a fragmentação do conhecimento a partir de uma reflexão produzida da relação dos saberes, buscando na conscientização dos sujeitos sociais a perpetuação para as novas gerações, na compreensão da importância do valor histórico como um todo, de acordo com Najjar (2003, p. 8):

“[...] mostrar a riqueza do passado daqueles que tiveram seu passado negado; dar visibilidade às manifestações culturais que não costumam ser rotuladas de cultura; negar a ideia de harmonia que muitas vezes nos é passada e mostrar pelos vestígios materiais pesquisados, que a história do Brasil é plural e conflituosa; demonstrar em cada ruína trabalhada, em cada artefato recolhido, que a história humana não foi forjada somente pela ação das elites, mas também pelo suor e pela criatividade de incontáveis homens e mulheres; talvez seja este o papel da arqueologia na luta contra a barbárie e, portanto seja este o sentido educativo maior que a ação dos arqueólogos pode ter”.

Mesmo amparados e protegidos por lei, ainda são necessárias ações educativas que aproximem o sujeito da importância que o patrimônio possui como um reflexo da história que constitui o espaço geográfico do município, de maneira que torne o cidadão, ser pensante e reflexivo, despertando o respeito e a valorização de sua origem.

Buscar essa sensibilização com suas raízes e identidades culturais, proporciona aos sujeitos um sentimento de pertencimento, distanciando-o do conceito de aculturação, lembrando que tudo produzido pelo homem de alguma forma é cultura e que não existe culturas superiores a outras, o Brasil é um país pluricultural e é isso que



torna a cultura brasileira tão variada e rica. Essa pluralidade cultural pode ser usada para trabalhar com os educandos na área da educação patrimonial, promovendo condutas de preservação e valorização.

Desta reflexão se pensou em uma ação que se pauta na perspectiva interdisciplinar em comunhão com o que já se opera no MOVI. Este relatório tem como intuito então efetivar uma prática reflexiva através da aplicação de toda a pesquisa bibliográfica realizada, com ações que promovem a preservação e o entendimento aos educandos do ensino fundamental da rede pública de que, o conhecimento se produz interdisciplinarmente e que esta ação traz autonomia para o sujeito proporcionando meios para o exercício pleno da cidadania sob a consciência de que o todo o cidadão tem direitos e deveres para com a ética traduzida no sentimento de pertencimento e valorização do espaço em que habita.

4. Descrição das atividades desenvolvidas na intervenção

O plano de intervenção pensado para o estágio foi elaborado de acordo com a pesquisa bibliográfica realizada para elaboração do projeto, de maneira que toda a ação metodológica desenvolvida para a instituição concordasse com o embasamento teórico escolhido pelos autores e orientados para elaboração deste projeto.

No primeiro momento pensou-se em uma abordagem dos conceitos que englobam os estudos da pré-história realizados por arqueólogo, paleontólogos, biólogos, antropólogos e historiadores referenciados na leitura compartilhada de um texto do livro didático, procurando estabelecer uma reflexão acerca do necessário, em termos de relações entre diferentes áreas do conhecimento, para a formação de teorias que explicassem os achados arqueológicos, além de remontar a vida cotidiana de povos pré-históricos a partir do legado cultural deixado por estas sociedades.

Num segundo momento os conceitos foram aprofundados com os educandos, a partir da teoria evolutiva de Darwin, seus conceitos e suas concepções, ambos previstos no currículo da instituição e que posteriormente haveriam de ser avaliados na aplicação de um instrumento para os educandos. De maneira a engrandecer a



compreensão da teoria evolucionista, procurou-se a exibição de um vídeo que remontava a importância da manipulação do fogo pelos povos da pré-história relacionando a ciência por detrás da técnica de produção do fogo e a interação que tal descoberta teve na vida cotidiana dos seres humanos, além de proporcionar uma reflexão na mudança biológica que o fogo traria ao desenvolvimento da espécie homo.

Nesta etapa foi abordado também, o processo evolutivo do ser humano e as relações estabelecidas pelos agrupamentos pré-históricos, como a paisagem natural, buscando promover uma reflexão de como o ser humano, em sua formação histórica cultural, adaptou a natureza para facilitar seu cotidiano e que a partir de um dado momento, este mesmo ser humano compreendeu que poderia modificar esta natureza a partir da obtenção de recursos que ela mesma oferecia, como o desenvolvimento da agricultura, o que provocou um impacto profundo no desenvolvimento do ser humano e na adaptação do meio natural para que as sociedades antigas se desenvolvessem.

A mediação para este segundo momento foi pensada de maneira que os conceitos fossem significados a partir de objetos musealizados que foram cedidos pelo instituto cultural Soto, para a aula expositiva. A partir da exibição de um mapa que remontava o caminho do ser humano pré-histórico, foi possível apontar os diferentes materiais criados por estas sociedades pré-históricas, deixadas como legado de sua cultura no que se configura atualmente como achados arqueológicos. Neste momento cada educando teve acesso aos objetos: uma peça de cerâmica Marajoara, um objeto lítico em forma de pilão dos povos sambaquianos, além de um fêmur de uma preguiça gigante da Megafauna pleistocênica, uma vez que fazia parte do conteúdo selecionado para a aula, uma análise para o impacto do planeta terra a medida que este se aquecia e muitos animais da extinta Megafauna desapareciam.

Para um terceiro momento foi realizada uma visita mediada ao MOVI, a partir de uma abordagem cultural direta realizada pelos pesquisadores deste projeto com o auxílio de uma funcionária do museu, acadêmica de ciências biológicas, proporcionando aos educandos mais do que um simples contato visual com os objetos do museu, mas uma reflexão entre a relação deste espaço não formal com a preservação do patrimônio cultural da região e do território nacional, esta mediação



cultural ocorreu em parceria com profissionais de outras áreas do saber a partir da concepção de que a interdisciplinaridade proporciona uma aproximação entre os sujeitos que atuam na educação sob este viés:

Do ponto de vista cognitivo, a interdisciplinaridade recupera a unidade na compreensão das 'coisas' (fato histórico, texto filosófico, fato educativo, comportamento humano, evento social, fenômeno natural), unidade que foi quebrada durante a pesquisa científica, a qual procede no caminho de uma especialização progressiva. O trabalho interdisciplinar, portanto, não consiste no aprender um pouco de tudo, mas no enfrentar o problema (explicativo, previsível, interpretativo) com toda a competência do especialista que domina o problema, suas dificuldades, as explicações e previsões dos outros componentes. Além do mais, do ponto de vista psicossocial, a interdisciplinaridade que se realiza através do trabalho em grupo, dos docentes e discentes, poderá ser um dos fatores que contribuem ao desarraigamento de competição na escola, enquanto impulsiona ver no outro um colaborador e não um rival. A interdisciplinaridade é uma luta contra os efeitos alienantes da divisão do trabalho. (ANTISERI, 1975, pp. 185,186, apud YARED, 2008 p. 162).

O trabalho em equipe é essencial para a confirmação de uma ação interdisciplinar, foi durante a visita ao MOVI que os educandos perceberam, que o conteúdo que se estava aprendendo em história, tem relação direta com outras áreas do conhecimento humano, e que apesar da fragmentação escolar, só se foi possível para o homem compreender a natureza e desenvolver sua cultura e história a partir de um entendimento de que o conhecimento se obtém na totalidade, com a cooperação dos pares.

Após a visita ao MOVI, foi proposto uma socialização com os educandos para discussão das reflexões proporcionadas pelos conteúdos abordado em sala de aula e na viagem de campo, para que, de acordo com Grunberg (2007, p. 8), "Promova, a partir desta experiência, uma reflexão sobre a diferença entre o olhar e o ver e sobre a importância da observação detalhada para compreensão e a descoberta de outras informações que o olhar superficial não permite."

Como produto final da pesquisa e ida a campo por parte dos educandos foi elaborado um diário de "viagens e estudos" em que os educandos construíram um texto contando as experiências educativas que vivenciaram no MOVI, além de ilustrarem com imagens, desenhos e fotos. As produções foram expostas nas dependências da instituição de ensino para que desta maneira, não somente os educandos que passaram por essa experiência puderam estar em contato com as práticas pedagógicas



realizadas em sala, mas também os outros educandos da escola, por intermédio dos trabalhos, puderam conhecer, vivenciar e experimentar sob o olhar do “outro” que o motiva a visitar o MOVI.

Ainda em Grunberg (2007, p. 3)

Com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, busca se fixar o conhecimento percebido, aprofundado a observação e o pensamento lógico e intuitivo. Análise do bem cultural com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados.

5. Reflexão e análise das atividades desenvolvidas

A inexistência de um projeto educacional na perspectiva da educação interdisciplinar no vale do Itajaí compromete a consciência coletiva da comunidade, sobre a importância da preservação do patrimônio natural, histórico e cultural da região. Foi a partir deste paradigma que se fez necessário a promoção de uma prática educativa para propiciar a conscientização nos educandos acerca do que compõe a história da região ao qual estão inseridos bem como a promoção de ações educativas para preservação do meio ambiente.

Perpassando todas as etapas deste relatório, desde a observação para a coleta de dados, onde se pôde obter um panorama das práticas pedagógicas realizadas na instituição, até a intervenção, direcionada pelo planejamento do estágio na perspectiva interdisciplinar, é possível refletir acerca dos objetivos alcançados e dos que ainda ficaram por serem alcançados, pois se subentende que a promoção de ações interdisciplinares no âmbito da educação patrimonial deveria ocorrer durante todo o processo de formação dos educandos, não necessariamente em um momento pontual como aconteceu neste estágio, visto que a partir dos relatos escritos pelos educandos participantes das atividades propostas durante este trabalho, demonstram a efetivação das aprendizagens dos educandos de maneira exponencial e significativa.



No tocante da promoção da prática interdisciplinar nas intervenções em sala de aula e no espaço não formal, tomou-se o cuidado do estabelecimento de relações entre os temas abordados buscando significar os aprendizados globalmente.

Durante as intervenções na sala de aula, os educandos tiveram acesso a mapas, para a correlação entre o espaço geográfico que possibilitou o desenvolvimento do ser humano com o trajeto percorrido pela espécie do continente africano até a sua chegada a América. Buscou-se também, uma relação com a arte, na forma de comunicação que os seres humanos pré-históricos desenvolveram conhecido como arte rupestre, ou seja, a forma que o Homo Sapiens se expressava.

Com relação as espécies de animais da megafauna, que aqui viviam antes da chegada do homo sapiens, através de mapas, representações gráficas e com peças paleontológicas e arqueológicas, procurou-se ilustrar como foi o início do contato dos seres humanos com esta fauna e flora pré-histórica, buscando refletir sobre a interação antrópica com estas espécies.

Ao se iniciar a temática das transformações biológicas ocorridas no desenvolvimento do ser humano foi exibido um documentário mediado através de um texto que tratava de relacionar a mudança biológica antrópica promovida na mudança dos hábitos alimentares condicionados pelo domínio do fogo, além de discussões acerca de como se estabeleceram as relações de poder das sociedades pré-histórica através desta descoberta.

A comprovação de que a perspectiva interdisciplinar fora alcançada está no fato de que os educandos estabeleciam relações, durante as aulas, quando buscavam enriquecer os debates trazendo conceitos de outras áreas, sem que os mesmos fossem induzidos a isto, principalmente quando tiveram contato direto com as peças musealizadas, onde o olhar se direcionou para os hábitos da vida dos animais da megafauna, para as técnicas utilizadas na confecção dos ornamentos das peças arqueológicas, como a cerâmica marajoara, além, de como uma peça lítica de pedra polida poderia ser considerada uma tecnologia da pré-história e de que maneira o ser humano daquela época utilizava a peça, em uma clara, porém, implícita referência a



antropologia, a biologia, a arte e conseqüentemente a história como foco principal que norteou tais reflexões.

Através da compreensão do espaço geográfico que circunda os educandos, foi proposto uma saída a campo ao Museu oceanográfico UNIVALI, para que muito do que fora discutido em sala de aula, fosse ampliado de maneira significativa, eficazmente interdisciplinar, pois ao adentrar as dependências do museu, os educandos tiveram a oportunidade de conhecer diferentes peças, de diferentes áreas do saber, todas interligadas em um mesmo espaço, não desconexas, porém remontadas e organizadas afim de que contassem uma história, e a partir desta história, promovessem a valorização da cultura humana através de sua intervenção no meio ambiente, ou seja, o reconhecimento de que tudo o que está exposto no museu tem relação direta com a vida daqueles educandos, e isto foi possível através de uma mediação cultural promovida por ambos os autores, além do auxílio de um profissional da área de ciências biológicas.

A importância da saída a campo foi possível de ser atestada na produção de um relato de vivências com o título “Diário de viagens e estudos” que os educandos produziram após todas as intervenções realizadas, tanto em sala de aula quanto no MOVI.

Frente a uma infinidade de peças expostas no museu, cada educando direcionou o seu olhar sobre o que para si, foi mais significativo e interessante, o educando A⁴ discorre sobre a ala histórica do museu, a que remonta a história da evolução humana através de sua produção cultural: “[...] a primeira (ala), tinha várias armas antigas (laminas, rifles e pistolas), os barcos de Darwin, o Beagle e o Chalange, o escafandro (equipamento de mergulho antigo). Descobrimos que o petróleo, são várias seringueiras, interessante não?!”

Enquanto o educando B⁵, relatou a experiência que teve nas alas dos invertebrados e dos cartilaginosos: “[...] na ala vermelha tinha muitos peixes, carangueijo gigante do japon, tubarão anão, este tubarão é o menor tubarão do mundo,

⁴ Educando da Rede pública Municipal de ensino de Itajaí, 11 anos.

⁵ Educando da Rede pública Municipal de ensino de Itajaí, 11 anos.



também tinha o tubarão gato pintado, esse foi o tubarão mais bonito que vimos, ele estava vivo”

O educando C⁶, estabeleceu relação entre o que estava exposto no museu e a intervenção antrópica no meio ambiente, o que condiciona o espaço, onde ocorre esta intervenção, em patrimônio cultural:

[...] o raposo olhudo, que é um tubarão com olhos grandes que consegue ver suas presas por cima da cabeça, e sua calda igual de uma raposa, ela é conhecida por bater em suas presas por trás [...] também vimos um peixe muito interessante, ‘o peixe boi’, ele sempre abraça seu filhote para que os pescadores não pegarem seu filhote.

No que se refere ao objetivo principal da educação patrimonial, que é propiciar um sentimento de pertencimento ao patrimônio cultural do cotidiano da vida de quem interage com este patrimônio, foi possível notar no relato do educando D⁷: “Tinha até a Dory do filme, Procurando Dory e Procurando Nemo.”, claramente a significação de ter visto algo que faz parte do cotidiano, torna o ensino significativo e o objetivo de que o que está exposto faz parte do meio cultural ao qual se está condicionado. Conforme Tamanini (2013, pp. 7-8):

Para o trabalho em museus, o relevante é considerar que o patrimônio cultural por ele preservado assume narrativas que podem corroborar para a elaboração de conhecimento acerca das experiências humanas, sejam elas portadoras de conhecimento público ou não.

Portanto através do que está exposto no museu, os educandos puderam elaborar narrativas a cerca destas peças e através destas narrativas criadas epistemologicamente pelos educandos, fica comprovado o sentimento de pertencimento correlacionado ao objetivo da educação patrimonial.

A relação das peças expostas no museu com os conteúdos mediados em sala de aula se estabelecem dialogando entre as diferentes áreas do saber, e esta percepção se faz, também, presente nos relatos dos educandos, como escreve o educando B: “[...] vimos na TV a seguinte frase: “A natureza não precisa da gente, a gente precisa da natureza” [...] chegamos em casa empolgadas e falamos tudo para nossos pais, e assim finalizamos o dia do passeio.”

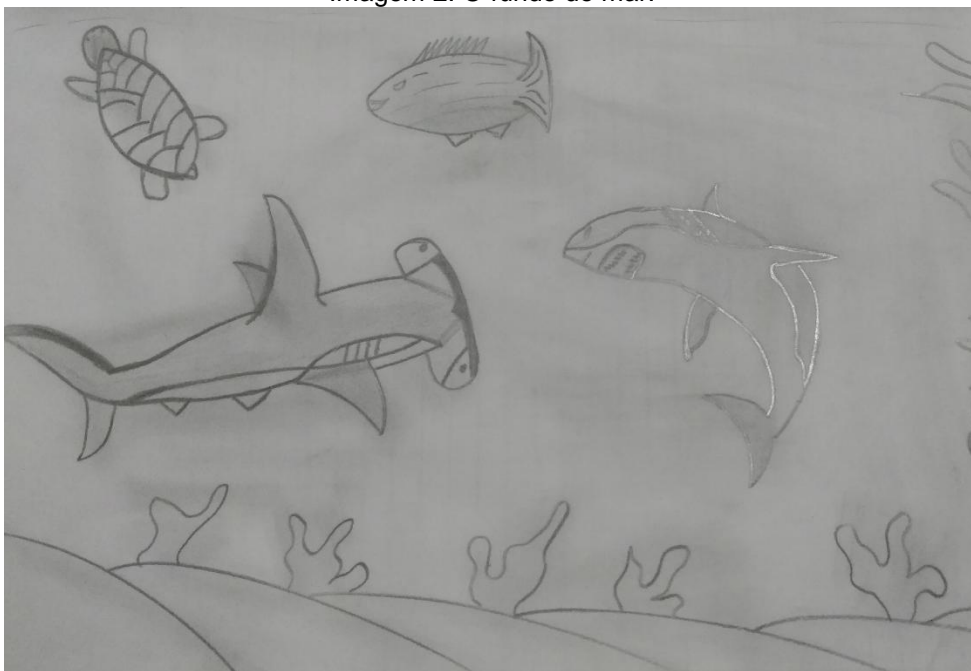
⁶ Educando da Rede pública Municipal de ensino de Itajaí, 11 anos.

⁷ Educando da Rede pública Municipal de ensino de Itajaí, 11 anos.



A percepção do que é a natureza, foco principal do trabalho de valorização do patrimônio cultural da região que se faz presente na intervenção do ser humano ao meio natural promovida pelo museu, embora possa estar disposta de maneira fragmentada, é necessário ressaltar que existe conexão entre as peças, relação entre os temas, entre as narrativas propostas pelas peças, e isso se faz presente na representação artística que os educandos fizeram conforme na imagem 2:

Imagem 2: O fundo do mar.



FONTE: Educando B⁸.

Percebe-se que no desenho o oceano está retratado de maneira unificada, ou seja, integral, onde as peças expostas pelo museu se fazem presentes em um ambiente só, integrando um mesmo espaço, de maneira unitária, em que os animais aparecem em seu habitat natural sem intervenção humana, com um olhar de preservação de valorização deste habitat que pelas reflexões textuais pode-se constatar que sofrem com a intervenção antrópica.

É inegável pensar que esta percepção só é possível em uma perspectiva interdisciplinar, ainda em Tamanini (2013, p. 10)

⁸ Educando da Rede Pública Municipal de Ensino de Itajaí, 11 anos.



[...] então, todo o trabalho, toda nossa construção teórica e metodológica dentro do patrimônio cultural, da cultura material e da arqueologia pública, vincula-se, sobretudo, à educação como processo que dialoga com diferentes áreas do conhecimento e cujo objetivo fim é a compreensão dos processos sociais e a emancipação do ser humano.

O resultado deste trabalho se mostra na produção dos educandos ao fazerem a sua própria narrativa acerca do que experimentaram na visita ao MOVI, essa atividade desenvolvida promove a transposição do arcabouço teórico internacionalizado nas práticas pedagógicas de sala de aula com a prática de uma consciência cidadã, ou seja, a produção dos relatos de experiência dos educandos, desperta a valorização global do patrimônio cultural proposto nos objetivos deste trabalho onde os educandos reconhecem o museu como um espaço significativo para o aprendizado.

7. Síntese provisória

Por se tratar de um estado rico em paisagens naturais que influenciou a formação de uma identidade cultural polissêmica, se faz necessária uma reflexão acerca da relação produzida através da interação de diferentes áreas do saber humano que promovam a preservação do patrimônio histórico e cultural formado a partir da diversidade natural do espaço geográfico que habita a comunidade do Vale do Itajaí.

Neste trabalho pode-se perceber a importância de uma perspectiva interdisciplinar na educação patrimonial como provedora de uma aprendizagem significativa através da socialização e da mediação dos educandos com objetos que promovem a elaboração de novos conceitos e estabelecem interações entre o que está estabelecido no currículo escolar com a sociedade ao qual o educando está submetidos:

[...] na perspectiva freiriana [...] em diferentes realidades estudadas, descobertas de temas problematizadores comuns e interdisciplinares. Observando, por exemplo, o trabalho das escolas e o trabalho das instituições de patrimônio nas suas relações com o ato de socializar e educar sobre o conhecimento produzido e a produção de novos saberes para diferentes realidades socioculturais.” (TAMANINI, 2013, p. 14)

O que concerne a disciplina de história, está no fato de considerá-la como um saber global, de maneira que ela preconizaria a construção da história da vida humana,



que se faz interdisciplinarmente, pois não existe fragmentação no que se produz culturalmente, socialmente, desta forma se considera a relevância de uma prática no que se propôs neste trabalho, de maneira que docentes compreendam que a educação se concebe através de uma mudança atitudinal, onde o saber se deverá produzir através da mediação e da relação entre os saberes científicos curriculares com o meio social e as áreas de atuação fragmentadas pelo currículo escolar.

Ao conceituar a história na perspectiva interdisciplinar no âmbito da educação patrimonial, em Tamanini (2013, p.14) “[...] a história, seja analisada pelo campo da materialidade ou imaterialidade, é o lugar onde se encontra indícios da vida coletiva e dos seus diferentes movimentos sociais.”

A promoção de iniciativas de preservação é um passo para que haja esta conscientização e o reconhecimento pela comunidade da importância cultural deste patrimônio em sua formação indelével, conclui-se então, em Tamanini (2013, p. 16) “Neste aspecto, a importância da formação escolar ou na formação escolar em parceria com os museus é fundamental para a construção de novas posturas diante da complexa tarefa de educar.”

REFERÊNCIAS

- BAUMAM, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.
- CAMACHO, Clara. Museu e participação das populações: contributo para o debate. Textos de museologia – jornadas sobre a função social do museu. Cadernos do MINOM.Nº1 Lisboa: Colibri, 1991.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Museus como espaço de interdisciplinaridade e o ofício do historiador. ANUPH – XXV Simpósio nacional de história. Fortaleza, 2009.
- FAZENDA, Ivani (Org.). Interdisciplinaridade: dicionário em construção. São Paulo: Cortez, 2001.
- FAZENDA, Ivani (Org.). Práticas interdisciplinares na escola. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, P. Pedagogia da tolerância. São Paulo: Paz e Terra, 2006.



FOUCAULT, Michel. 1970 – *Theatrum Philosophicum*. In: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005 p. 230-254.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de atividades práticas de educação patrimonial** / Evelina Grunberg. __ Brasília, DF : IPHAN, 2007.

LEITE, Mayke Rogerio Ferreira; LIMA, Maria José. **Interdisciplinaridade e o ensino de história: Desafios e possibilidades**. CONSEMP: Congresso de educação. 9º ed. 2011.

MACHADO, Gerson. **Educação Patrimonial e arqueologia publicam: experiências e desafios/ prefeitura Municipal, Fundação Cultural, Museu Arqueológico de Sambaqui; Elizabete Tamanini, Flavia Cristina Antunes de Sousa, Judith Steinbach (org.)**. – Itajai: Casa Aberta Editora 2013.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

NAJJAR, R. **Arqueólogos e Comunidade: parceiros ou rivais**. *Revista de Arqueologia Americana*, 2003.

NÓVOA, Antônio. **O professor pesquisador e reflexivo**. 2001. TVEscola. Entrevista concedida à Salto.

SOUZA, M. J. L. **O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento**, in Castro, I. E., *Geografia: conceitos e temas*, Editora Bertrand, Rio de Janeiro, 2003

TAMANINI, Elizabete. **Educação Patrimonial e arqueologia publicam: experiências e desafios/ prefeitura Municipal, Fundação Cultural, Museu Arqueológico de Sambaqui; Gerson Machado, Flavia Cristina Antunes de Sousa, Judith Steinbach (org.)**. – Itajai: Casa Aberta Editora 2013.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências. O Que é interdisciplinaridade?** / Ivani Fazenda (org.). —São Paulo: Cortez, 2008.

YARED, Ivone. **O que é interdisciplinaridade. O Que é interdisciplinaridade?** / Ivani Fazenda (org.). —São Paulo : Cortez, 2008.



APÊNDICES

Imagem 3: Preparação para mediação cultural.



FONTE: Acervo próprio.

Imagem 4: Mediação Cultural ala dos répteis.



FONTE: Acervo próprio.



Imagem 5: Mediação cultural ala peixes cartilagosos.



FONTE: Acervo próprio.

Imagem 6: Mediação Cultural ala dos invertebrados.



FONTE: Acervo próprio.

Imagem 7: Mediação na ala dos peixes ósseos.



FONTE: Acervo próprio.

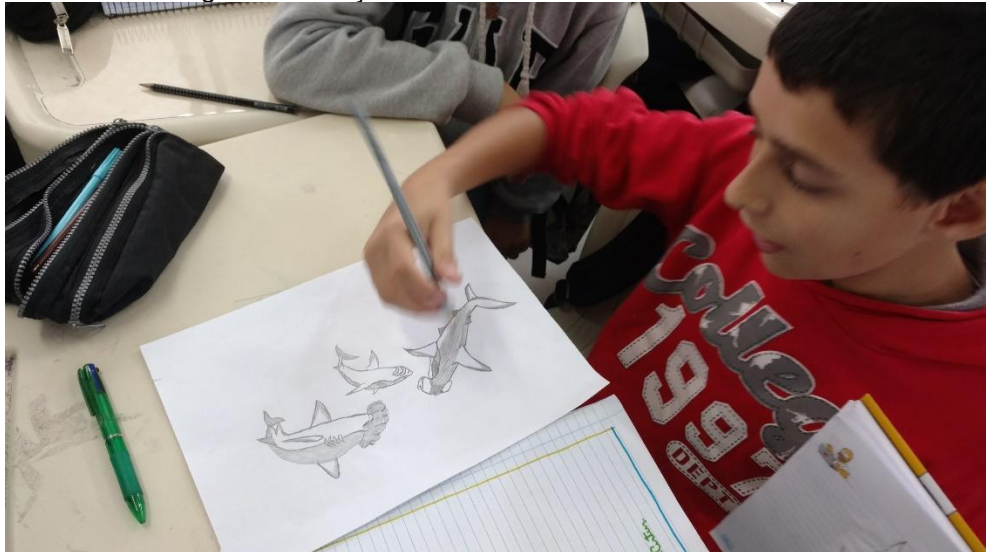
Imagem8: Produção dos relatos de experiência.

REVISTA DE DIVULGAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO NÚCLEO DAS LICENCIATURAS



FONTE: Acervo próprio.

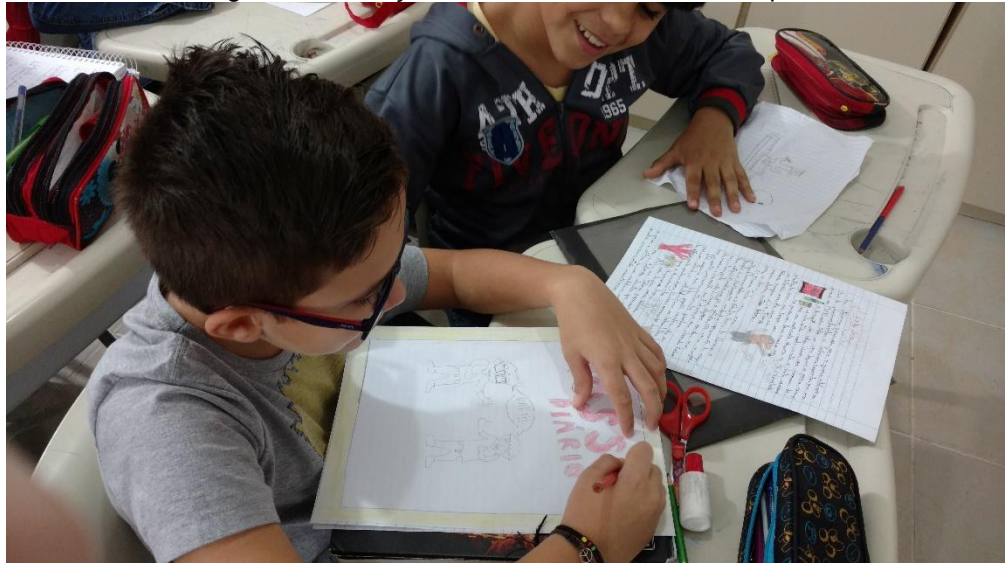
Imagem9: Produção dos desenhos dos relatos de experiência.



FONTE: Acervo próprio.



Imagem10: Produção da escrita dos relatos de experiência.



FONTE: Acervo próprio.